com a prática da musicalização. Por abranger as diversas áreas do desenvolvimento humano: físico, mental, social, emocional e espiritual, a música pode ser concebida como um eixo facilitador do processo educacional.

O ensino de música caminha em direção ao fazer musical criativo, à escrita musical e seus conhecimentos são acessíveis a todos os indivíduos indistintamente.

Na Educação Infantil, é percebida a diferença nas atitudes das crianças quando há o apoio às práticas musicais, pois auxilia à percepção e estimula a inteligência. A criança está muito além apenas de seus aspectos físicos ou intelectuais e estas devem ser estimuladas pelos educadores, que é o mediador e incentivador desta aprendizagem, fazendo despertar à conscientização para o crescimento das suas potencialidades.

Vários fatores foram destacados neste trabalho, como a interdisciplinaridade e seu valor, lúdico e socialização (escola e família) podem favorecer no progresso educacional dos alunos quando os mesmos forem trabalhados juntamente com a aprendizagem musical, que quando trabalhada desde cedo nos colégios ajuda de maneira prazerosa o trabalho em equipe , fazendo também com que as crianças sintam-se relaxadas e ao mesmo tempo aptas para que se soltem naturalmente para desenvolver todas as atividades escolares, onde a música será reconhecida como linguagem e fará parte do seu cotidiano.

REFERÊNCIAS

ARONOFF, F. W. La música y el nino pequeno. Buenos Aires: Ricordi, 1974.

BATISTA, João Freire. Pelo corpo também se aprende a ler. Faculdade de Educação Física da UNICAMP, São Paulo, 2008.

BEYER, Esther (1988). "A abordagem cognitiva em música: Uma crítica ao ensino da música, a partir da teoria de Piaget".

BRASIL (1982). Ministério da Educação e Cultura. Educação Artística: Leis e pareceres. Brasília: MEC.

_____ (1996a). Lei nº 9.394, de 20 dez. 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: MEC.

BRITO, Teca Alencar de. Música na educação infantil propostas para a formação integral da criança – 2ª edição, ISBN. São Paulo: Petrópolis, 2003.

COLL, Cesar, Álvaro Marchesi, Jesus Palacios e colaboradores – Desenvolvimento psicológico e educação – 2ª edição – Porto Alegre: Artmed, 2004.

FONTERRADA, Marisa Thench de Oliveira. De tramas a fios: um ensaio sobre música e educação – São Paulo – Editora Unesp, 2005.

FORQUIN, Jean-Claude. Escola e Cultura – as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar; Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

FUCCI-AMATO, R. Escola e educação musical: (des) caminhos históricos e horizontes. Campinas: Papirus, 2012. FUKS, Rosa (1991a). "Prática musical na escola normal: Uma história não escrita". In: Cadernos de Estudo: Educação Musical, nº 2 e 3. São Paulo, pp. 26-34.

GRANJA, Carlos E.S. Campos. Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação. 2. ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2010. HENTSCHKE, Liane (2011). "A educação musical: Um desafio para a educação".

Educação em Revista, nº 13, jun. Belo Horizonte, pp. 55-61.

KALOUSTIAN, Silvio Manoug. Família brasileira, a base de tudo. São Paulo: Cortez; 7ª edição, 2005.

KRAKOVICS, Fernanda (2010). "Música ajuda na alfabetização de crianças". Folha de S. Paulo. Caderno Cotidiano, 11/set., p. 4.

LOURENÇO, Alicia Maria Almeida. O ensino de música na escola fundamental, 4ª edição, Papirus, 2008.

SCHAFER, M. O ouvido pensante. São Paulo: UNESP, 2001.

SWANWICK, Keith. Ensinando Música Musicalmente. Tradução de Alda de Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.

WALLON, Henry. As etapas da sociabilidade na criança. In: Psicologia e educação da infância. Trad. Ana Rabaça. Lisboa. Estampa, 1975.

WILLENS, J.S.; HORN, C.I.; POTHIN, J. Atividades lúdicas para crianças na faixa etária de 0 a 10 anos: uma proposta com brinquedos de baixo custo. Lajeado: Univates, 2001. p. 52-53.

1º CICLO DO ENSINO FUNDAMENTAL I - LEITURA EM SALA DE AULA: DA TEORIA À PRÁTICA

AMANDA SIQUEIRA LOUREIRO DIAS

RESUMO:

Há uma grande preocupação com as práticas de leitura e escrita no Ensino Fundamental em relação ao seu contexto atual que gera discussões e apreensões. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa (PCNs), o ciclo de alfabetização

e letramento, perpassa os três anos iniciais do ensino fundamental e, a partir do quarto ano, se espera que as crianças estejam alfabetizadas. Assim, aos professores que atuam no primeiro ciclo, se atribui um papel muito importante em relação ao incentivo à leitura e à escolha de textos apropriados para seus alunos. Porém, não devemos cometer o equívoco de delegar somente aos professores e/ou à escola a função de formar um leitor crítico, reflexivo, ativo e participativo na sociedade letrada. A família também tem um papel muito importante e fundamental para que o processo de aquisição da leitura e escrita ocorra de forma significativa e satisfatória para o aluno. Dito isso, obviamente à escola, cabe a maior parte dessa responsabilidade, pois nela, há profissionais formados e gabaritados para tal fim. Por isso, é preciso analisar as propostas teóricas e a prática que são utilizadas pelos professores para a formação leitora de seus alunos. Para essa análise, é preciso entender o percurso metodológico que pode ser utilizado, bem como entender a concepção de leitura, através das práticas leitoras propostas. Além disso, é preciso considerar os recursos e os espaços que as escolas precisam possibilitar aos seus alunos, a fim de integrar com o trabalho dos professores. Acima de tudo, precisamos descobrir como buscar ferramentas e formas de possibilitar um contexto dialógico, aonde o diálogo e as trocas sejam realizados diariamente, fomentar o prazer ao ler, oferecer variados portadores de textos e fugir dos métodos tradicionais de ensino da leitura e da escrita. Este artigo traz minhas experiências, observações, pesquisas de campo e bibliográficas. Revela a necessidade de despertar cada vez mais, nos professores, a consciência da responsabilidade nas escolhas dos textos a serem trabalhados especialmente, no período de alfabetização e letramento.

Palavras-chave: Formação de leitores. Ensino Fundamental. Prazer ao ler. Incentivo à leitura. Escolha de textos. Concepção de leitura.

INTRODUÇÃO

A leitura, em diferentes idiomas e com finalidades variadas, é uma das atividades principais da humanidade há muitos séculos. Sem ela, os indivíduos não conseguiriam se formar como sujeitos completos, ativos e participativos de uma sociedade. Isso porquê ler é fonte de prazer, de informação e de formação, especialmente no mundo atual. Diante dessa necessidade, a temática leitura foi e continua sendo essencial nas observações, estudos e construções da prática pedagógica. Assim, fica evidente a necessidade de buscar melhorias contínuas no processo de ensino e aprendizagem da leitura nas escolas do nosso país.

Com as recomendações de ensino de Paulo Freire e, sobretudo, diante das novas exigências educacionais e os novos modelos de ensino visando o construtivismo, cada vez mais se busca por educadores que primam a leitura de mundo, a fim de substituir os modelos de leitura mecânica e conteudista. É preciso olhar para além dos aspectos gramaticais e didáticos do ensino (que são importantes, mas não únicos). Para isso, precisamos pautar nosso trabalho na possibilidade de ensinar nossos alunos através de uma leitura pautada na perspectiva de letramento, que ofereça a eles uma aprendizagem significativa e eficiente. Assim,

> [...] não se lê só para aprender a ler, não se lê de uma única forma, não se decodifica palavra por palavra, não se responde a perguntas de verificação do entendimento preenchendo fichas exaustivas[...]
>
> Uma prática constante de leitura na escola pressupõe o trabalho com a diversidade de objetivos, modalidades e textos que caracterizam as práticas de leitura de fato (BRASIL, 1997, p. 57).

No mundo todo e, especialmente em nosso país, temos passado por inúmeras transformações em vários âmbitos: sociais, políticos, econômicos e culturais. Com a leitura, não é diferente. Se ler é um ato político, logo, também se transforma e, por isso, não pode mais ser concebido como um ato apenas de decodificação de palavras. Há uma função socializadora muito potente já que a leitura possibilita aos sujeitos uma inserção social ativa. Lendo, o homem se comunica, partilha suas vivências, expressa suas opiniões, concebe informações e, assim, produz conhecimento. Desta forma,

> Se o conceito de leitura está geralmente restrito à decifração da escrita, sua aprendizagem, no entanto, ligase por tradição global do indivíduo, à sua capacitação para o convívio e atuações social, política, econômica e cultural. Saber ler e escrever, já entre gregos e romanos, significava possuir as bases de uma educação adequada para vida, educação essa que visava não só ao desenvolvimento das capacidades intelectuais e espirituais, como das aptidões físicas, possibilitando à sociedade, no caso à classe dos senhores, dos homens livres (MARTINS, 2003, p. 22).

A partir da ideia de Paulo Freire que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, podemos concluir que o processo de ler se inicia no conhecimento prévio que o leitor traz consigo, que, ao passar para a palavra escrita são acionados servindo de suporte textual. Assim, é preciso "abraçar" o mundo à sua volta para compreender então, o mundo letrado.

> [...] um projeto educativo comprometido com a democratização social e cultural atribui à escola a função e a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes linguísticos necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (BRASIL, 1997, p. 23).

Além dessa observância e vivência com o mundo que nos cerca, é necessário também motivar para que o processo de alfabetização e letramento seja efetivo. Essa motivação começa quando o sujeito compreende a importância de que tal leitura e as suas experiências sejam recheadas de significado e relevância. Quando ao aluno é possibilitado tal relação com a leitura e ele consegue encontrar este gosto e prazer em ler, dificilmente ocorrerá um caminho reverso, de falta de leitura.

Ler é, sem dúvidas, uma ação que promove a liberdade às pessoas, pois combate a alienação e a ignorância. Por isso, podemos compreender o ato de ler como um instrumento de criticidade da realidade vivida. A leitura torna o indivíduo livre e independente, que atinge plenamente sua cidadania.

Sabendo, pois, da necessidade que se exista de fato, uma formação leitora integral e eficiente principalmente dentro das escolas, precisamos entender o porquê de muitos alunos já estarem em escolaridade avançada e ainda não estarem plenamente alfabetizados e letrados. A escola precisa mediar o conhecimento das letras através de variedades de portadores e textos e gêneros literários. Entretanto, com frequência vemos práticas que não contribuem para uma formação leitora autônoma, pois muitos alunos acabam "presos" por didáticas conteudistas com caráter mecânico e memorizador.

No presente artigo, primeiramente discorreremos sobre o ciclo de alfabetização e letramento e o importante papel dos professores atuantes neste ciclo quanto ao incentivo à leitura e escolha de textos para trabalho. A seguir, veremos como a família pode ser uma ponte entre a leitura e o prazer em ler. Analisaremos também as propostas teóricas e a prática que são utilizadas pelos professores para a formação leitora de seus alunos, bem como uma análise de percursos metodológicos, considerando os recursos e os espaços. Para finalizar, conheceremos ferramentas e formas de possibilitar um contexto dialógico com o objetivo de estimular o prazer da leitura.

O CICLO DE ALFABETIZAÇÃO E O IMPORTANTE PAPEL DOS PROFESSORES

Com o objetivo de integrar a educação básica com a perspectiva inclusiva, o programa Mais Educação São Paulo reorganizou, entre os anos de 2004 e 2006, o Ensino Fundamental de nove anos em ciclos de aprendizagem. Além de ampliar em um ano a educação básica, o novo ensino fundamental passou a receber em seu primeiro ano, crianças de seis anos, antecipando essa entrada no ensino fundamental em um ano. Dessa forma, a escola começou a enfrentar um novo desafio: acolher as crianças com necessidades antes restritas à educação infantil e colaborar, de forma significativa com o acesso de qualidade à alfabetização e letramento. Por isso, os ciclos se tornaram um importante meio de compreender as etapas de aprendizagem e relacioná-las aos direitos de aprendizagem, interdisciplinaridade e autoria.

Faz parte do Ciclo de Alfabetização – que nos interessa neste artigo- os três primeiros anos do Ensino Fundamental I (1º, 2º e 3º ano) e traz a ideia de alfabetização na perspectiva do letramento. Mesmo nos casos em que o sistema de ensino ou a escola optem por um regime seriado, é preciso considerar esses primeiros três anos como um ciclo sequencial sem interrupção, que oportunize sistematização e aprofundamento das aprendizagens básicas. Vale ressaltar que há pesquisas que afirmam que a repetência nesses anos não garante a alfabetização e pode até atrapalhar o rendimento escolar como um todo. Por isso, a complexidade do processo de alfabetização pede uma continuidade do aprendizado e, assim, os diferentes tempos das crianças são respeitados. Este ciclo é, portanto, um período com várias possibilidades para que toda e qualquer criança em processo de alfabetização (respeitadas as suas especificidades), possa construir seus conhecimentos de forma contínua e progressiva ao longo desses três anos. Assim, são necessárias práticas para além da decodificação da escrita, buscando-se vivências significativas e diversificadas que considerem a criança como sujeito produtor de cultura e ativo em sua própria aprendizagem. Busca-se, portanto, uma ligação entre o lúdico e o cognitivo. Espera-se que, ao final do ciclo, a criança esteja alfabetizada.

Para isso, é importante que haja o envolvimento, a responsabilidade e o diálogo entre todas as partes deste processo. Aos professores, o Conselho Nacional de Educação (CNE) orienta uma prática que ofereça possibilidade de mobilidade das crianças em sala de aula e uma possibilidade de exploração mais intensa às diversas linguagens artísticas. Além disso, recomenda o manuseio e a exploração de materiais que possibilitem o raciocínio e as potencialidades de cada criança. Quanto à avaliação, o CNE postula um caráter processual, formativo e participativo. Com um olhar construtivista, deve-se buscar avaliar de forma contínua, cumulativa e diagnóstica, utilizando instrumentos e procedimentos variados, como, por exemplo, a observação, os trabalhos individuais e coletivos, os registros descritivos e reflexivos, exercícios, portfólios, de acordo com a idade e às características dos educandos.

A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO

A Lei nº 9.394/96 que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional (L.D.B.E.N) regulamenta em seu artigo 2º, o qual trata dos princípios e fins da educação nacional, que a educação é dever da família e

do estado. Na Constituição Federal de 1988, em seu artigo 205, vemos que " A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho". Assim, fica claro que a educação é dever da família, cabendo ao Estado, representado pela escola, complementá-la.

A família é a primeira instituição que a criança conhece e, através dela, é que a criança é inserida na sociedade. Por isso o seu papel indispensável em relação à formação da criança e o desenvolvimento da identidade enquanto indivíduo. Gómez e Terán (2009) mencionam que a presença de um grupo familiar estável, consistente e com limites claros, não necessariamente em que os pais vivam juntos, é de extrema importância para o processo de aprendizagem das crianças.

Sabemos que o processo de alfabetização começa muito antes da criança começar a ler e a escrever e antes até mesmo de sua entrada na escola. O letramento começa desde o nascimento. É quando o bebê pode manusear seus livros de banho, quando seus pais lhe contam histórias ou quando podem observar a postura leitora de seus pais.

No momento da alfabetização e letramento, o papel ativo dos pais se faz tão necessário quanto em qualquer outro momento importante da vida de seus filhos. A família precisa acompanhar a sua criança com cumplicidade, amor e carinho desde os primeiros escritos, incentivando a leitura e possibilitando o acesso ao mundo letrado ainda desde cedo. Ao possibilitar condições favoráveis e lúdicas à criança, se favorece uma sensação de conforto e de capacidade de desenvolver suas habilidades na fala e na escrita, inserindo-as no convívio social, tão importante para a autoestima e vontade de aprender.

Em tempos de pandemia, vimos mais do que nunca, a diferença que uma família participativa pode fazer na vida escolar de uma criança. Sabemos que há muitas realidades e que, nem sempre a ausência da família no processo de ensino aprendizagem é uma escolha. Porém, a escola pode acolher as possíveis dificuldades dos pais e auxiliá-los em seus desafios. A escuta, a empatia, a compreensão, a paciência e o trabalho em equipe são ferramentas potentes no auxílio à criança em suas demandas pedagógicas.

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE ESTIMULAM A LEITURA

Já compreendemos aqui que a leitura é um meio de inclusão social e a escola deve atuar profundamente nas estruturas de melhoria para a formação dos indivíduos críticos e autônimos. Se cabe à escola desenvolver mais do que ninguém as relações entre leitura e indivíduo, porquê será que a ideia de leitura frequentemente é associada ao fracasso e desinteresse? Por que esperamos um leitor competente e bem formado e muitas vezes temos como resultado leitores funcionais?

Em parte, é preciso que cada professor busque por uma reciclagem em suas práticas e apresente uma nova postura, buscando sempre pelo aperfeiçoamento profissional e uma atualização dos conhecimentos, refletindo sobre o ato de ler de forma significativa. É preciso “olhar para dentro”, para as suas dificuldades encontradas no chão da escola e desenvolver planos de estudos sobre o qual elaborar o seu trabalho, buscando uma melhoria de suas práticas e metodologias didáticas.

Buscar estratégias eficazes que despertem o interesse e a curiosidade nos educandos também é tarefa deste “novo modelo” de professor. Ofertar aos alunos textos variados, que propiciem a prática de leitura e posterior reflexão, traz grandes benefícios à formação leitora. Um aluno que enxerga no professor uma fonte de inspiração, facilmente adquirirá o prazer necessário no mundo letrado, pois perceberá a sua importância para o dia a dia. Além disso, é preciso conceber a ideia de que os alunos são diferentes e, por isso, possuem especificidades distintas. Reconhecer a necessidade de um planejamento adequado e que englobe essa diversidade, buscando conhecer a realidade de seus alunos e baseando a escolha de textos a partir dessas vivências, faz com que as aulas sejam atrativas e significativas. Vale dizer que o professor é sempre um modelo a ser seguido, por isso, ele também precisa gostar e ter a prática constante da leitura para poder, com competência, ensinar e transmitir aos seus educandos, o prazer pela leitura. Além disso, o poder público precisa valorizar estes profissionais, possibilitando o acesso junto ao ensino e pesquisa, reconhecendo-os como produtor do conhecimento neste processo que é tão importante quando a relação ensino-aprendizagem.

É preciso também considerar os espaços e os recursos que são ofertados nas salas de aula nas escolas de ensino fundamental. A construção de um espaço lúdico com recursos instigantes e desafiadores, promovem a aprendizagem da leitura em uma perspectiva do letramento, isto é, uma leitura emancipatória, contextualizada e significativa. Segundo Soares (2010, p. 17), o termo letramento vem da tradução da palavra inglês literacy que significa “o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever”. Isso significa que o uso eficaz da leitura e da escrita promove mudanças sociais, políticas, linguísticas, culturais, econômicas, etc.

Reconhecer a importância de um ambiente acolhedor, dinâmico e recheado de boas materialidades, faz com que, cada vez mais, os estudantes tenham interesse em aprender e avançar em suas potencialidades como leitores.

Portanto, se quisermos medir e avaliar o processo de alfabetização em nosso país, precisamos sim olhar para a formação dos professores, a constância em seus aperfeiçoamentos, os materiais ofertados, os espaços oferecidos e a valorização destes profissionais pelo poder público e pela sociedade.

FERRAMENTAS E FORMAS DE POSSIBILITAR UM CONTEXTO DIALÓGICO COM O OBJETIVO DE ESTIMULAR O PRAZER DA LEITURA

Se falamos sobre uma alfabetização em uma perspectiva do letramento, consideramos fugir dos métodos tradicionais de ensino, que foi um dos primeiros métodos criados para atingir a alfabetização. Criado no século XVIII, seu objetivo é universalizar o acesso ao conhecimento, com o fim de qualificar para o trabalho. Sua base consiste na memorização e repetição, com a junção de sílabas. Por isso, não considera o interesse do aluno ou sua realidade. Além disso, o professor é a figura central do processo, visto como detentor e transmissor do conhecimento. Ao aluno, é atribuído o papel de receber tais conteúdos de forma passiva, sem argumentação, estímulo à criticidade ou potencializador deste processo.

Apesar de perdurar por longos anos (inclusive, é bem possível que os adultos de hoje tenham tido esse tipo de formação em sua base leitora), cada vez mais as escolas estão abandonando essa prática de alfabetização. Isso porquê temos vários indicadores do quanto esse tipo de ensino não considera as potencialidades individuais de cada aluno e nada tem haver com as suas realidades e interesses.

Assim, temos hoje uma alfabetização em uma perspectiva do letramento, que muito tem haver com as teorias construtivistas. Os “erros” são vistos como um percurso para alcançar os objetivos e o alunos participam ativamente da construção do seu próprio conhecimento. Além disso, são considerados os interesses e a cultura dos estudantes, a fim de que o conteúdo faça sentido para eles.

Partindo de um ensino-aprendizagem dialógico e de mão dupla, os professores precisam se dedicar na busca por materiais que ajudem aos estudantes a progredirem em seus aprendizados de forma satisfatória e com prazer nos estudos. Por isso, é muito importante pensar em quais tipos de materiais, textos e portadores de textos serão apresentados à turma. Histórias em quadrinhos (gibis), teatro, poesias e poema, literatura com histórias do interesse das crianças, são exemplos de bons materiais e estratégias para serem trabalhados na alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através deste artigo pode-se conceber a ideia da importância dos ciclos do ensino fundamental, a priori o primeiro ciclo que compreende a alfabetização em uma perspectiva do letramento e que perpassa os três primeiros anos do ensino fundamental. Tal ciclo, com foco na alfabetização deve compreender o processo de apropriação da aprendizagem da leitura e da escrita como um efeito de conhecimento social que envolve vários atores e tem foco principal, na construção de aprendizagem da criança. Sabemos que o sistema de ciclos trouxe para a escola novos desafios, como, por exemplo, a necessidade de repensar o sentido da escola, das formas de avaliação, do trabalho pedagógico, cos conteúdos curriculares e da própria organização escolar. Cobrou também dos profissionais da educação, diferentes modos de atuação.

A família é o primeiro e principal grupo social com o qual a criança estabelece suas relações com o outro. Daí a importância dos sentimentos de afeto no âmbito familiar para que a criança adquira autoestima e dê valor para a aprendizagem. Em seus lares, é imprescindível que a criança também tenha um ambiente propício ao letramento e, a presença participativa dos pais neste processo, é um importante aliado quanto ao sucesso da aprendizagem da leitura com uma perspectiva do letramento. A família pode incentivar o gosto pela leitura desde cedo, lendo para seus filhos e dispondo de diferentes portadores de textos (livros infantis, gibis, lista de compras, receitas, cartões aos amigos, músicas para ampliação do repertório oral, etc). O importante é sempre encorajar e possibilitar o despertar da curiosidade e vontade pelo aprendizado.

Além da família, o professor é fundamental no processo do ensinoaprendizagem da leitura para todo e qualquer educando. Podemos dizer que, na verdade, é do professor o principal papel e tarefa de possibilitar uma alfabetização bem sucedida. Isso se deve ao fato de que se espera que em sua formação acadêmica, houve um bom preparo para este fim. E, em caso de lacunas nesta formação, que em seu tempo de carreira houve oportunidades de qualificação profissional. O professor, especialmente os dos anos iniciais do ensino fundamental, aparece como destaque na formação e no incentivo à leitura, pois normalmente, são vistos como inspiradores da “arte de ler”.

Por isso, é tão importante uma boa seleção de livros, textos e materiais de alfabetização por parte de um professor que conhece seus alunos, suas especificidades e têm seus objetivos de trabalho claros e definidos, reconhecendo que, no processo de ensino-aprendizagem muitas vezes é necessário traçar novas rotas e novos caminhos a fim de garantir que todos os seus alunos tenham as mesmas condições de avanço. Além disso, é papel do professor propiciar um ambiente acolhedor, recheado de materialidades potentes e significativas. Assim, conseguirá obter sucesso em seus objetivos e, o mais importante, fazer a diferença na vida de muitos educandos que terão a oportunidade de vivenciar uma alfa-